

RESCALDO

E

RESSONÂNCIA!



Em 5 de Maio de 2008 parte do edifício da Reitoria da Universidade do Porto ardeu. Como muitos incêndios em edifícios de pedra, aguentaram os alçados, ruiu o telhado e os estragos foram partilhados entre o fogo e a água projectada do céu pelos bombeiros. Não sei nada sobre a perda, dizer que foi uma biblioteca não deixa de ser demasiado abstracto (dizer da perda dos milhares de livros da Biblioteca de Alexandria, que nunca teria tempo para ler é demasiado abstracto). A perda de um só livro específico poderia dizer mais, isto é, dizer da ausência que está para lá daquilo que já guardamos em nós, dizer da dependência que temos por coisas e objectos que ampliam a nossa identidade, a nossa existência específica, que resguardam a nossa memória até à temperatura dos 451 graus fahrenheit em que se queimam os livros e ficamos novamente por nossa conta, auto-exilados na floresta de Ray Bradbury e de François Truffaut.

É este o lugar que nos interessa. Esqueçamos então, como propõe a Inês, a parte espectacular do incêndio, esqueçamos o som da Cavalgada das Valquírias misturado com o cheiro matinal de Napalm. *This is the end*. O que resta depois do incêndio? Há incêndios que levam tudo, que nos arrastam como fagulhas, como da violência da madeira que estala quando arde, como da violência do fumo espesso que sufoca ou do calor que queima e derrete a pele. Mas disso não sei nada, sei apenas quando o isqueiro ou o cigarro queima uma mecha de cabelo em fracção de segundos e um cheiro tão particular.

Ardeu. Ficamos apenas com o que somos nesse mesmo momento. E se temos a memória das coisas que perdemos é porque ainda temos alguma coisa. Fica sempre algo depois do incêndio. Se eu escrevesse como o Auster, depois do fogo deambulava errantemente, fazendo por esquecer tudo, tudo o que se perdeu e tudo o que ficou em nós por perder. E isto nada tem de romântico, na realidade trata-se de um gesto niilista, mas porque acontece tantas vezes nos seus livros ele não deve acreditar verdadeiramente na perda total. Alguém acredita? E a perda total não se imagina, acontece, e quando se imagina persiste um resquício de esperança. E, então, deambula-se na procura de um pouco de sentido.

Melhor é não ganhar nada. Isto é, não guardar nada. Nem as cinzas. *No ashes, no remains*. Diziam os situacionistas que eram contra os cemitérios e as obras de arte guardadas em museus (eram contra todas as coisas mortas, portanto), que o seu Urbanismo Unitário deveria ser resultado de um crescimento unidireccional das cidades, deixando para trás, permanentemente, um rasto de ruínas que depressa seriam absorvidas pela natureza selvagem, como de resto aconteceu com as cidades Incas. E deste modo, desta cidade sempre moderna, construir-se-ia uma oposição à fixação da cidade no tempo, isto é, a qualquer sentido de património e de valor. E por isso gritavam em voz alta: “onde há fogo, nós levamos gasolina”. Que nada se colha, que nada reste. Viva o momento. E pegaram fogo à capela da Sorbonne, diz-se. Maio 68. “Viva o momento”, gritou Lefebvre e agora a Vodafone.

Infelizmente nós, os arquitectos e os artistas, não soubemos desprezar as ruínas, não soubemos dizer que não sendo funcionais não seriam necessárias. Encontrámos-lhe beleza, Encontrámos-lhe uma essência capaz de destronar qualquer lógica, um paradoxo: “a ruína dos nossos edifícios irá testemunhar

a força da nossa vontade e a magnitude da nossa fé” confessou Hitler a Speer antes de tudo se tornar verdadeiramente ruína. E por isso tivemos que nos desfazer de algumas ruínas, pelo que continuaram a significar. Como nas séries do CSI em que alguém, mais inteligente do que os outros, afirma que os cadáveres também falam.

E dizemos também nós, arquitectos e artistas, que “nada se perde, tudo se transforma” conscientes da pesada herança de uma cultura assente nas ruínas clássicas e nas anteriores, fantasma de Babel e da convicção de que tudo o que se ergue, o que quer que seja, representa logo à partida um acto contra a natureza do tempo efémero, uma provocação associada à procura ingénua de eternidade que não sendo possível, se disfarça com apropriações e reciclagem sendo esta também a história material do conhecimento. Evolução. Ilusão. A minha história é curta, “começa e acaba em mim”, em Godard, e construo a aparência de que aquilo que a materializa e nos pertence, na nossa condição de proprietários, nos será sobranceiro e nos representará para todo o sempre.

Escrevo estas linhas num catálogo que será guardado na biblioteca da Universidade e sobretudo agora uma nostalgia virá que garantirá a sua preservação em papel para lá de mim e, no entanto, nada saberei sobre o que se ler e o que se disser, porque a morte, e eu deverei ser cremado, será fatal para mim. Até lá o mais importante é o que escrevo *agora, agora* que escrevo *agora*. Escrevo para mim e nem sequer me vejo na obrigação de dizer quem sou no princípio ou no fim do texto conforme a vontade da designer gráfica, que também só existe quando desenha. É este o momento, *agora*, e não outro. E desde que não esteja a arder, literalmente por dentro (porque há quem acredite na combustão humana espontânea) ou por fora, é este o momento que interessa. E não preciso de mais nada. Talvez do computador, da mesa de porta, do rádio algures entre o 92 e o 94, da luz natural. Mas conseguiria ter menos. Poderia estar de olhos fechados e escreveria as mesmas linhas que poucos irão ler. *Is everybody in?* Se é que isso interessa.

Onde eu quero chegar é que nada se perde se nada tivermos para perder. O que não invalida que não haja uma troca que se for justa não implica ganho. Simplesmente troco. Toma lá da cá. E sem ganho e sem propriedade, ficaríamos mais livres, não só porque “a propriedade é um roubo” como escreveu Proudhon nos oitocentos, mas porque esse roubo não deixará de ser exercido também sobre o proprietário, condenado a ter para, inevitavelmente, mais tarde ou mais cedo, perder. E no entanto persistimos em coleccionar. Guardar para lá de nós. Coisas. Arte sacra ou vasilhame. Não interessa. E se os budistas andam mais perto de uma desmaterialização incombustível, os situacionistas afirmam que até a memória é um roubo, porque é o tempo que se perde do *agora* para deixar de fazer *agora* e dizer o que fez antes. Tempo perdido, redundância, portanto. E por isso eles quase nunca usam, câmaras de filmar ou fotografar. Viva a situação.

Quando o André entrou no edifício da Reitoria do Porto, foi para “tirar” fotografias do espaço ardido. Tirar é um verbo que significa um deslocamento de algo por roubo. O André tornou-se proprietário desse espaço deslocado. E o espaço que era livre, ainda mais porque tinha ardido e já nada o apropriava, deixou de o ser. Mas o André quis devolver o espaço para que isso não lhe pesasse como herança e usou filmes fotográficos estragados que com o tempo fizeram desaparecer as imagens. Redimiui-se. O filme parece ter ardido. E não fosse este catálogo ambicionar eternizar a propriedade desta ruína e a ruína não seria mais nada por mais algum tempo. Um espaço livre da responsabilidade que a academia lhe atribui de guardar.

Não sei nada sobre a perda, dizer que foi um laboratório não deixa de ser demasiado abstracto, tão abstracto que poderíamos incluir o incêndio como experiência. Afinal a Ciência baseia-se nisso, na simulação do acidente. Químicos contra químicos, bactérias contra bactérias, partículas contra partículas. À excepção da imagem cuidada que eu tenho do manuseamento da nitroglicerina e da radioactividade, os laboratórios são espaços borbulhantes na eminência de explodir e os cientistas têm o mesmo cabelo do cientista do “Regresso ao Futuro” (na realidade temos um aspecto normal de fato e gravata e mão esticada à porta da FCT). Mas em abstracto os laboratórios são espaços em que o agora está mais presente que tudo o resto. São espaços em que o momento se sobrepõe ao conforto da propriedade, em que a perda é estimulada como forma de investigação e liberdade, e a possibilidade de fracasso como instrumento de experimentação. Agora atiramos automóveis, a 90km hora, com bonecos lá dentro, contra paredes de betão, mas nem sempre foi assim. Descíamos rampas em carros de rolamentos sem travões para descobrir como se gastam em segundos uma sola de sapatilhas Sanjo, que faziam *chuac* se, inadvertidamente ou não, pisássemos uma poça de água.

As crianças nisso são menos hipócritas, para quê pôr um boneco no lugar de um automóvel ou um cão na orbita da Terra se podemos lá estar nós mesmos? Johan Huizinga descreveu-nos o *Jogo* como forma de cultura e de experimentação, e nem por isso seguimos os nossos instintos mais primordiais. Tivesse eu coragem de dizer como Proudhon: “consultei os mestres da Ciência, li CEM volumes de filosofia, direito, economia política e história; e quis Deus que vivesse um século em que tanta leitura me fosse inútil”. E aqui com toda a contradição de quem não consegue deixar o vício e a dependência do que se quer dizer subjugado à legitimidade da forma académica. Amanhã lá estarei eu a negar o que escrevi *agora*.

As universidades deveriam arder por combustão espontânea, a partir do seu interior, incinerando o desfile de togas e abajures e os estatutos que mais que não fazem do que garantir a eterna dependência ao poder que promove o “empreendedorismo” e a “sustentabilidade” financeira como se fossem compatíveis com a pura Experimentação, com o Jogo, com a Arte. Experimentar implica perdas. A quem estamos enganar? A arte nunca foi funcional. As ruínas não são funcionais. E no entanto significam. Ao menos se tudo ardesse poderíamos tentar começar de novo, sem referências nem citações (“não vou a museus para não me deixar influenciar”) a não ser as que a memória teimosamente decidiu seleccionar, colocando no mesmo pé de igualdade o golo de calcanhar de Madjer em 1987 com a convicção peregrina de Siza de que a “arquitectura é uma profissão poética”, é Arte. Talvez por isso Siza não tenha tempo para a universidade.

E as minhas orelhas começam a ficar vermelhas, de arder, e o espaço entre o teu pescoço e o teu peito a ficar vermelho de ler e daqui a duas horas estarão os Sizo (não Siza) a fazer perder o Passos Manuel, o João a fazer voar o tripé do microfone, o André inclinado sobre guitarra à altura dos joelhos, o Eurico a martelar nas teclas imprimindo um castigo ensurdecidor às colunas e o outro que nada tem de Zen, com as baquetas, todos em conjunto a “partir a louça”, que é expressão que se pode usar quando um material é incombustível. Vou lá partir aquela merda toda. Revolução. E saio de lá com os ouvidos cerrados por um zumbido que me acompanha na cama e depois de manhã, um ruído branco. E isto a FCT não financia e ainda bem porque estragava tudo e pelo mesmos motivos, oh Isabel, não está a contracultura em Serralves a não ser que perca o seu tempo, o seu sentido de momento, o *agora*.

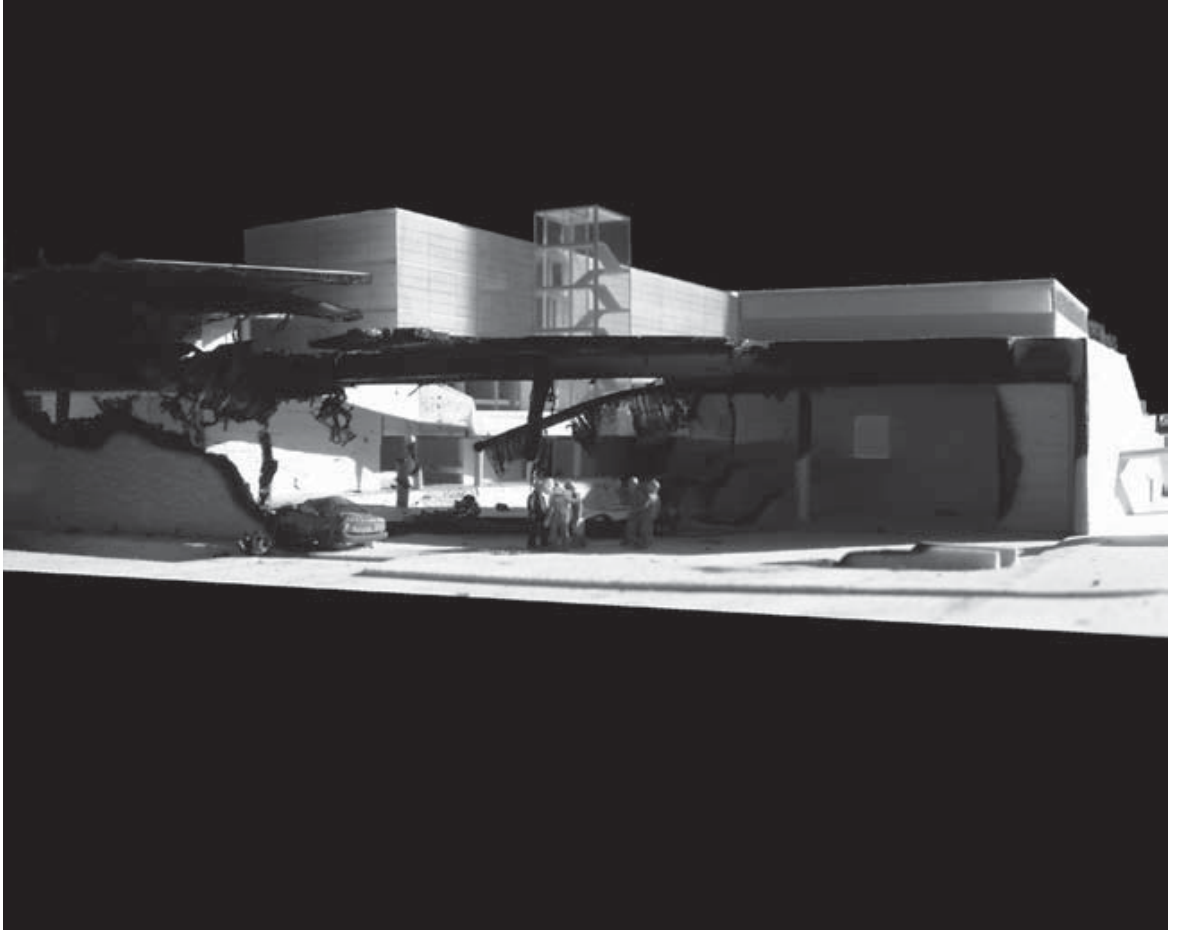
*E com tantos doutores na rua cada vez é mais difícil encontrar um homem. Uma mulher.* Páginas e páginas que nada fazem arder, isto é, que não aquecem nem arrefecem. E talvez alguém secretamente saiba que tem de ser assim para que, em CENTO E UM livros, o de Proudhon faça sentido. Mas a revolução essa terá de esperar pelo fogo real. Estaremos preparados? Fecho a porta do carro e aquilo que penso ser electricidade estática, provoca-me um choque na ponta do dedo. E como isso me inquieta. Provavelmente é melhor deixar tudo como está. É mais cómodo seguramente. E enchamos as universidades com sinalética de saídas de emergência. E ninguém parece querer sair. Como num duche quente no inverno. Porquê? Para fazer o quê? A arte da política não é “adiar um problema até que deixe de fazer sentido”? Temos medo, temos tanto medo. Em *Rescaldo e Ressonância* deveremos ler antes de entrar: “não se aproxime dos locais que desconhece, ainda que lhe pareçam ser seguros; circule apenas pelas zonas seguras respeitando as áreas que se encontram delimitadas por meios de fitas sinalizadoras vermelhas; tome cuidado com os degraus ou objectos que se podem encontrar espalhados no chão; não mexa nos objectos expostos; não tente abrir as janelas; abandone o local, calma e ordeiramente; não corra; não bloqueie as saídas; não fique parado junto a portas, escadas e corredores; em caso de incêndio nunca use os elevadores; tranquilize quem se encontre junto a si”. Dá-me um Xanax. Devagar. E nas embalagens de *Rojões com Migas e Feijão Frade*, do Pingo Doce, podemos ler: “pode conter vestígios de peixe e crustáceos, de frutos de casca rija, leite, ovos, amendoim, aipo, soja, mostarda, sulfitos, tremoços, moluscos e sementes de sésamo”. Só falta poder conter o esperma do porco que cedeu os rojões. Não nos vá alguém processar. Sei de um homem sexagenário que na Suécia processou o Estado pelos anos perdidos com o ensino obrigatório, eu deveria ter feito o mesmo. O tempo passa depressa. Não há tempo a perder porque não quero ser proprietário do tempo.

E alguns dos meus alunos continuam a perguntar: “e agora, professor, está bem?” e eu controlo-me para não me imolar com fogo à frente de todos. Se nem tu acreditas que está bem... E pomos sinalética de emergência também no interior das igrejas. Se nem tu acreditas na protecção divina... Deixa estar. Haverá uma qualquer legislação, um qualquer regulamento que nos protege. E se não existir as universidades inventam: “higiene, segurança e ambiente”.

E um dia, também nós Portugal, seremos competitivos, empreendedores, inovadores, auto-suficientes e haverá sustentabilidade, cidadania e excelência. E até lá cantam em coro de opereta os Super Dragões: “eu só quero ver Lisboa a arder”; e respondem os No Name Boys: “o Porto a arder”; o Jerónimo: “os patrões a arder”; o Louçã: “os bancos a arder”; o Sócrates: “os jornais a arder”; o Portas: “o Bairro da Bela Vista a arder”; Manuela: “democracia a arder”; o Verão: “florestas a arder”. E um dia Portugal todo iluminado pelas nossas mentes brilhantes. Será ecológico? Tens lumes?

*O amor é fogo que arde  
sem se ver.* Disse sei eu.

Pedro Bandeira, Maio 2009



Pedro Bandeira, Incêndio, 1999

**U. PORTO**

RIBEIRINHO  
SOARES  
CENTRO DE PRODUÇÃO  
DE COMUNICAÇÃO, LDA